

O RUBLO E O YUAN EM RELAÇÃO AO DÓLAR: CRÔNICA DE UMA MUDANÇA (2022-2026)

Entre sanções e estratégias, a desdolarização silenciosa do comércio sino-russo revela uma nova geografia do poder; sem colapsar o dólar, Moscou e Pequim fragmentam a ordem financeira global, trocando uma dependência por outra e redesenhando, passo a passo, o equilíbrio mundial.

Olivier d'Auzon*



Eric Prouzet/Unsplash.

Há mudanças que passam despercebidas. Não são notícia em cúpulas internacionais, nem levam a tratados fundamentais. No entanto, em poucos anos, remodelam o equilíbrio global de poder. A desdolarização gradual do comércio entre a Rússia e a China pertence a essa categoria: silenciosa na forma, estratégica nos efeitos.

Tudo começou em fevereiro de 2022, com a invasão da Ucrânia por Moscou. As sanções ocidentais subsequentes – exclusão parcial do sistema SWIFT, congelamento de ativos, restrições bancárias – transformaram abruptamente as regras do jogo. O dólar, pilar do comércio internacional, tornou-se um instrumento de vulnerabilidade para a Rússia.

A resposta foi imediata, mas sobretudo gradual e metódica.

Antes de 2022, o yuan representava apenas uma parcela marginal do comércio russo, menos de 2%. Três anos depois, a situação é irreconhecível. Em 2024, aproximadamente 95% do comércio bilateral sino-russo era liquidado em rublos e yuans. Em novembro de 2025, segundo as autoridades russas, esse número chegou a quase 99%. Em apenas alguns anos fiscais, o dólar praticamente desapareceu desses fluxos.

Essa mudança não é um mero ajuste técnico. Ela reflete uma decisão política.

Porque o dólar não é apenas um meio de troca; é também uma alavanca de poder. Controlar os fluxos financeiros denominados em dólares significa poder monitorar, coagir e sancionar. Diante dessa realidade, Moscou optou por se libertar dela. Pequim, mais visionária, vê isso como uma oportunidade para acelerar uma estratégia de longa data: a internacionalização do yuan.

Entre 2022 e 2024, a transformação se acelerou:

- A participação das moedas ocidentais no comércio russo caiu de mais de 80% para menos de 20%.
- Os pagamentos de energia (petróleo, carvão, gás) migraram em massa para o yuan.
- Circuitos financeiros alternativos se desenvolveram, operando ao lado da infraestrutura dominada pelo Ocidente.

O movimento foi rápido, mas não repentino. Baseava-se em ferramentas já em desenvolvimento: acordos de *swap* entre bancos centrais, sistemas de pagamento paralelos e o crescente poder das instituições financeiras chinesas.

Em 2025, esse novo equilíbrio havia atingido uma forma de maturidade. O comércio entre os dois países permanecia elevado – em torno de US\$ 228 bilhões –, mas agora operava quase inteiramente sem o dólar. Em Moscou, o yuan tornou-se a principal moeda estrangeira nos mercados. As empresas exportadoras russas recebiam pagamentos em yuan; os importadores pagavam em yuan. O dólar deixou de ser uma moeda de uso cotidiano e tornou-se simplesmente uma referência externa.

Mas essa autonomia recém-adquirida tem seus limites.

Em março de 2026, a Rússia enfrenta uma escassez de liquidez em yuan. O paradoxo torna-se gritante: ao se libertar do dólar, Moscou se expõe a uma nova dependência, desta vez de Pequim. O acesso à moeda chinesa agora depende dos fluxos comerciais e, indiretamente, das decisões das autoridades chinesas.

Em outras palavras, a tão almejada soberania monetária se transforma em um equilíbrio assimétrico.

Do lado chinês, a estratégia permanece cautelosa, porém consistente. O yuan está ganhando terreno no comércio internacional – representando quase 29% das transações comerciais externas chinesas em 2025 – sem, contudo, competir globalmente com o dólar. Pequim avança sem perturbar o sistema, preferindo construir uma alternativa a provocar uma ruptura.

Devemos ver isso como o fim do dólar? Não. Mas seria igualmente errado ignorar o que está em jogo.

O que o período de 2022 a 2026 revela não é o colapso de uma ordem monetária, mas sim sua fragmentação. Onde o comércio internacional era amplamente baseado em uma moeda dominante, esferas monetárias regionais, estruturadas por relações de poder, estão agora emergindo.

O caso sino-russo é a ilustração mais marcante disso até o momento.

Pela primeira vez desde o fim da Guerra Fria, uma grande potência está negociando quase que inteiramente fora do dólar com seu principal parceiro. E outra, a China, está testando o uso internacional de sua moeda em larga escala, não como um substituto global, mas como um instrumento de influência direcionada.

Não se trata de uma ruptura drástica. É uma mudança estratégica.

Lenta, controlada, mas profundamente estruturante.

Publicado no [Le Diplomate.Média](#).

****Olivier d'Auzon** é consultor jurídico da ONU e conselheiro de Segurança Marítima e especialista jurídico em transporte da União Europeia e Banco Mundial. É pós-graduado em Estudos de Energia Marítima na Lloyd's World Maritime Academy, mestre em Direito Privado, Contratual e Empresarial pela Université Panthéon Assas (Paris II) e possui doutorado em Transporte e Distribuição Internacional e Transporte Aéreo e Marítimo pela Université Panthéon Sorbonne (Paris I).*
